

DESAFIO AO CARDENISMO: A REBELIÃO DE SATURNINO CEDILLO (1938-1939)¹MARTINS, Willian dos Santos².

Objetiva-se, por meio deste estudo, analisar as representações produzidas pelo periódico carioca *Correio da Manhã* acerca da rebelião capitaneada por Saturnino Cedillo contra a política cardenista, entre os anos de 1938 e 1939.

O governo do general Lázaro Cárdenas del Río, compreendido entre os anos de 1934 e 1940, perpetró profundas reformas sociais e políticas, tais como a expansão do sistema *ejidal* ou a institucionalização da revolução por meio do Partido da Revolução Mexicana (PRM). Em junho de 1935, o presidente rompeu definitivamente com Plutarco Elías Calles, o “Chefe Máximo” da revolução, extinguindo o Maximato³. A política cardenista se caracterizou, a partir de então, por uma centralização cada vez mais presente, e a presidência se tornou, finalmente, o órgão diretivo máximo da vida nacional. Concomitantemente, Cárdenas institucionalizou o processo revolucionário, sobretudo, por meio de organizações como a Confederação Nacional Camponesa ou a Confederação de Trabalhadores do México, fundadas, respectivamente, em 1935 e 1936. Tanto a CNC quanto a CTM se vincularam ao Partido Nacional Revolucionário (PNR) que, a partir de março de 1938, foi reformulado, tornando-se o Partido da Revolução Mexicana (PRM). De fato, as transformações políticas decorrentes do cardenismo proporcionaram fertilidade para diversas crises e objeções, como sintetizou, por exemplo, o movimento sinarquista ou a alternativa almazanista.

Como destacou a socióloga Romana Falcón, a rebelião deflagrada pelo general Saturnino Cedillo, a 18 de maio de 1938, insere-se neste conturbado cenário político dos anos 1930, pois resultou da inconformidade de estruturas específicas do México revolucionário,

¹ O presente trabalho está relacionado às pesquisas desenvolvidas em torno do projeto “A imprensa brasileira e a política cardenista (1934-1940)”, que pretende analisar as representações construídas por parte da imprensa brasileira, por meio dos periódicos *O Estado de S. Paulo* e *Correio da Manhã*, sobre o governo do general Lázaro Cárdenas no México.

² Graduado em História e aluno regular do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), linha de pesquisa “Política: ações e representações”. Desenvolve o projeto de pesquisa “A imprensa brasileira e a política cardenista (1934-1940)” com orientação do Professor Doutor José Luis Bendicho Beired. Financiamento proveniente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: martins.s.willian@hotmail.com.

³ Plutarco Elías Calles, o Chefe Máximo da Revolução, governou o México entre 1924 e 1928 e foi o fundador do Partido Nacional Revolucionário. O período em que ele esteve à sombra dos presidentes mexicanos, especificamente Emilio Portes Gil, Pascual Ortiz Rubio e Abelardo Luján Rodríguez, seja comandando suas ações seja interferindo na vida política mexicana, ficou conhecido como Maximato. (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 173-174)

neste caso o *cacicazgo*⁴, para com o momento institucional revolucionário desenvolvido por Cárdenas. Em verdade, o *cacicazgo* de Cedillo se apresentou como um anacronismo materializado no seio da modernização política desenvolvida por Lázaro Cárdenas.

A fim de compreender a rebelião cedillista é necessário analisar como se estruturou o poder de chefes locais, fenômeno bastante comum no México revolucionário. O *cacicazgo* compunha a realidade política de uma nação quebrantada entre os mais diversos projetos políticos. Em Saturnino Cedillo, como definiu o sociólogo Carlos Martínez Assad, o termo cacique encontrou sua expressão máxima. A força do homem residiu em seu passado revolucionário heroicizado e sobre as alianças desenvolvidas com os camponeses⁵. De acordo com a historiadora Victoria Lerner, as lutas camponesas e as querelas ligadas à distribuição de terras compõe parte da história de San Luis Potosí, mais especificamente de uma porção do estado: a região de La Huasteca. Desde meados do século XIX as divergências foram constantes, com camponeses e indígenas promovendo inúmeras revoltas a fim de obterem melhor repartição dos terrenos. Igualmente desfavorável era a situação da elite agrária potosina, pois muitas *haciendas* foram penhoradas como garantia ou hipoteca aos vultosos empréstimos adquiridos junto aos Estados Unidos. Em decorrência da crise mundial de 1907, muitas dessas propriedades foram transferidas ao controle de norte-americanos, e as terras, já escassas, tornaram-se ainda mais concentradas. Ademais, a crise que atingiu os Estados Unidos implicou em um mercado mais estreito às exportações mexicanas, agravando a situação em San Luis Potosí. (LERNER, 1980, p. 394-395)

A saga de Cedillo se iniciou neste cenário. Saturnino e seus dois irmãos, Magdaleno e Cleofas, surgiram como alternativa para os camponeses. Rapidamente atraíram grande poder pessoal com sua proposta bandoleira, não economizando violência em suas pilhagens e butins. Quando Francisco I. Madero se levantou contra Porfirio Díaz, no ano de 1910, os Cedillo, que começavam a se apresentar como importante peça no jogo político da região de La Huasteca, o apoiaram, pois acreditavam que Madero poderia transformar profunda e radicalmente a realidade do campesinato mexicano. Contudo, como tal mudança não se mostrou tão evidente, declinaram em seu apoio, pois tão logo Victoriano Huerta tenha traído Madero e lhe usurpado o poder os Cedillo debandaram em seu favor.

Aos poucos, os Cedillo, liderados por Magdaleno, construíram uma verdadeira reputação. As raízes de seu poder se aprofundaram cada vez mais, e os irmãos disseminaram a

⁴ A organização política de San Luis Potosí se relacionava ao *cacicazgo*, estrutura cuja liderança coube a Saturnino Cedillo. (FALCÓN, 1983, p. 77-86)

⁵ Consultar (ASSAD, 1979, p. 719-720)

mentalidade que se tornou bastante duradoura na região da Huasteca potosina, caracterizada em uma aversão aos abastados *hacendados* e em um forte senso de justiça por meios truculentos. Organizou-se uma milícia que, utilizando-se do terror, garantiu a subsistência de indivíduos até então bastante maltratados e esquecidos pelo poder central. A estrutura de lealdade que no futuro permitiu a Saturnino Cedillo se tornar o “cacique de San Luis Potosí” era, pouco a pouco, engendrada. (LERNER, 1980, p. 402)

Com a derrota de Huerta, os irmãos Cleofas, Magdaleno e Saturnino mantiveram sua postura volátil, apoiando a ascensão de Venustiano Carranza. Todavia, Carranza iniciou um processo de centralização política, despojando as milícias de sua antiga força. Para tal, apossou-se do poderio militar do exército federal, encurralando os Cedillo e outras lideranças locais. A 4 de novembro de 1917, Magdaleno Cedillo, irmão mais velho e líder do movimento, foi assassinado enquanto combatia tropas carrancistas. Sua capitulação significou um duro golpe para o movimento cedillista, porém não o desbaratou. Saturnino prosseguiu na revolução, aliando-se a José Doroteo Arango, o já então lendário Pancho Villa.

Após a morte de Magdaleno, de acordo com Victoria Lerner, o movimento enfrentou uma profunda crise, sobretudo em decorrência da estagnação econômica que se instalou em San Luis Potosí. A proposta revolucionária que o sustentara até então se encontrava em franca decadência, prevalecendo em suas ações apenas um arremedo de resistência por meio do bandoleirismo social. A solução para os problemas de Saturnino Cedillo surgiu apenas no ano de 1920, quando Plutarco Elías Calles se manifestou contra o regime de Carranza por meio do Plano de Agua Prieta. A mobilidade social resultante da revolução engendrou espaços para a ascensão de novas lideranças. A queda de Carranza, na primavera de 1920, permitiu a Saturnino Cedillo legalizar suas ações, além disso, sua sujeição aos caudilhos também lhe garantiu maior estabilidade política. (LERNER, 1980, p.413)

A pesquisadora Maricela Fonseca Larios, vinculada ao Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, definiu Cedillo neste momento:

En esta fase de la reyerta revolucionaria, el general Saturnino Cedillo ha adquirido la madurez para emprender una nueva ruta en su vida. No quedó solo, por el contrario, su capacidad de liderazgo en las bases campesinas, aunada a la movilidad social que generó la Revolución Mexicana, le dieron acceso a posiciones políticas relevantes, no obstante el haber sido, en su origen, un pequeño propietario. Llegó a los máximos grados militares y a la gubernatura de su estado natal, lo que nos obliga a preguntar cuáles fueron sus aportaciones al obregonismo (caracterizado por constantes conflictos en el campo), al callismo (con el movimiento cristero y el impacto en la economía nacional de la crisis de 1929) o al cardenismo (con el conflicto social y la presión de intereses económicos extranjeros). (FONSECA, 2012, n.p.)

A partir de 1920, Saturnino Cedillo ascendeu militarmente, consolidando sua posição em aliança com as forças camponesas. Álvaro Obregón lhe concedeu o grau de general de brigada, com um efetivo de, aproximadamente, 800 soldados⁶ que, em tempos de paz, restringiam suas atividades aos trabalhos com a terra. Os comandados de Cedillo mantiveram sua fidelidade à dinastia de Sonora, colocando-se à sua disposição para enfrentar a rebelião delahuertista, em 1923, os cristeros, entre 1926 e 1929, e os escobaristas, também em 1929. Os cedillistas, que anteriormente viveram de butins, pilhagens e espólios, unificaram-se em uma organização paramilitar, estruturada em colônias agrícolas militares reconhecidas e auxiliadas por Obregón. O governo lhes financiou armas, cavalos e recursos bélicos, além de presenteá-los com propriedades adquiridas junto aos antigos *hacendados*. A estrutura do *cacicazgo* encontrou condições para sua expansão, já que a manutenção da paz e da ordem passou a depender de uma população mobilizada em torno do ideal revolucionário, sobretudo, camponeses das mais variadas ordens, como ejidatários, pequenos proprietários e soldados camponeses, recrutados em momentos de crise por chefes locais, populares e de grande carisma, como Cedillo ou Tejeda. A inexistência de um exército profissional contribuiu sobremaneira para com estes líderes, verdadeiros interlocutores entre o Estado, a população e o poderio militar, no México dos anos 1920.

Também favoreceu Cedillo a posição arbitral que ocupou nos conflitos entre camponeses e proprietários. Desde o início da revolução, em 1910, observou-se, em San Luis Potosí, a existência de uma estrutura altamente latifundiária. Os camponeses, constantemente, e por meios violentos, apossavam-se das terras. Em contrapartida, os *hacendados* se defendiam armando mercenários, administradores ou peões, a fim de conservarem suas propriedades. Cedillo, devido à liderança e posição respeitosa que ocupou, foi convidado muitas vezes a intermediar a resolução dessas disputas. De certa forma, essas pequenas lutas lhe serviam porque reafirmavam seu poder e sua indispensabilidade à manutenção da paz, como se pode notar:

Los campesinos acudieron ante Cedillo para que los apoyara en su lucha. Éste asistió a algunas de sus reuniones y aparentemente los ayudó, pues por eso le pusieron su nombre a la escuela lugareña. Los hacendados también recurrieron a Cedillo para evitar la reforma. En 1922 una de las propietarias escribía al administrador: “Creemos de todas as maneras que es mejor tenerlo por amigo que por enemigo. Si acaso llega a esa don Saturnino, recíbalo bien, muéstrele la maquinaria; y hágale ver que al quitarle tierras a esa finca la perjudica.” (LERNER, 1980, p. 425)

⁶ Para maiores informações estatísticas consultar (LERNER, 1980, p. 414).

A consumação do *cacicazgo* de Cedillo, que foi nomeado chefe de operações militares da 28ª zona, em Ciudad del Maíz, com o grau de general brigadeiro, dependia apenas da obtenção de poder político no âmbito do Estado. A partir de 1923, após a conclusão do mandato de Rafael Nieto, iniciou-se a campanha eleitoral para o governo de San Luis Potosí. A disputa entre os candidatos Aurelio Manrique e Jorge Prieto Laurens foi determinante para as pretensões de Saturnino Cedillo e sua ascensão como autoridade política. Manrique, fundador do Partido Nacional Agrarista e intelectual acerca da realidade agrária do país, era o candidato preferido de Cedillo e de Plutarco Elías Calles. Jorge P. Laurens, presidente do Partido Cooperativista Nacional, recebeu o apoio de Adolfo de la Huerta, candidato à presidência e opositor de Calles. De fato, Manrique possibilitou a aproximação entre o líder potosino e o futuro presidente, o que se mostrou fundamental para Cedillo afirmar sua imprescindível posição, em 1924⁷.

Aurelio Manrique foi eleito governador e, para tal, contou com a persuasão de Cedillo. O líder camponês foi decisivo durante o processo eleitoral, colocando suas tropas à disposição de Manrique, utilizando-se de violência e ameaças a fim de desestabilizar a oposição de Jorge P. Laurens. Em gratidão, o novo governador promoveu a adesão de diversos aliados de Cedillo ao aparato do Estado, de maneira que se tornaram burocratas. As bases do *cacicazgo* estavam completamente estruturadas, pois Cedillo reuniu, finalmente, os poderes civil e militar. (LERNER, 1980, p. 428-429)

O governo de Aurelio Manrique se caracterizou pela ampliação do programa de reforma agrária. De acordo com Romana Falcón, em San Luis Potosí, até 1920, a média de distribuição de terrenos era da ordem de 6000 hectares ao ano. Com o governo Manrique este número se dilatou, atingindo a expressiva cifra média de 150000 hectares distribuídos ao ano. Manrique radicalizou o sistema de *ejidos* e repartiu colheitas, animais, implementos agrícolas, etc. O governador buscou o apoio popular por meio da aliança com os camponeses, entretanto, a relação entre Manrique e Cedillo se desgastou:

Manrique concebía su política agraria en el marco del ejercicio de un gobierno civil de tono ciertamente radical, mientras que Cedillo la veía desde una perspectiva tradicional: el dominio de un territorio conocido, cuyas bases eran las razones de lealtad, comunidad, y legitimidad revolucionaria. (FALCÓN, 1984 apud FONSECA, 2012, n.p.)

A principal crítica de Cedillo a Manrique se relacionava à maneira como o governador conduziu sua política agrária, classificada como socialista. O líder regional

⁷ De acordo com Maricela Fonseca Larios, era impossível dissociar a história local da história nacional no México dos anos 1920. Esta intercalação fez com que a atuação política de Cedillo, antes restrita à realidade potosina, transcendesse ao âmbito nacional. (FONSECA, 2012, n. p.)

acreditava que o modelo de colônias agrícolas militarizadas era mais acertado para a realidade potosina, pois permitiria aos camponeses defenderem suas propriedades da ganância patronal. Cedillo, antes aliado de Manrique, converteu-se em perigosa ameaça ao governador em decorrência de posições políticas distintas. A dependência de Manrique escancarou a força de Cedillo, pois sem o apoio do homem forte de San Luis Potosí a política agrária desenvolvida no estado se estagnou. Eram as tropas cedillistas que desapropriavam as terras de seus proprietários. Eram também as tropas de Cedillo que garantiam a manutenção dos novos *ejidos* concedidos pelo governo Manrique. O panorama se alterou quando Cedillo, até então implacável inimigo das despojadas elites potosinas, apresentou-se a elas como solução, quando oportunamente se aliaram para articular a deposição de Manrique. A conjuntura política favoreceu o golpe, que se consumou a 16 de novembro de 1925. Manrique estava desamparado porque Plutarco Elías Calles, eleito presidente em 1924, desenvolveu política bastante distinta daquela praticada por Obregón, fundamentada sobre a reforma agrária.

O embate entre o Estado e os católicos, a *la Cristiada*, evidenciou uma vez mais a força do “cacique de San Luis”, nomeado Chefe da Divisão do Centro para combater os revoltosos. A Guerra Cristera aproximou ainda mais Cedillo do presidente mexicano, e lhe possibilitou governar seu estado natal entre setembro de 1927 e agosto de 1931⁸. Conforme avançaram os anos 1930, a situação em San Luis Potosí pouco se alterou. As colônias agrícolas militares tiveram seu desenvolvimento comprometido, pois a escassez de tecnologia e maquinário, somada à inexistência de infraestrutura – quase não houve investimentos em irrigação, ferrovias e estradas – engessou a economia local. O isolamento em relação às outras regiões do país favoreceu a existência de uma estrutura de dominação patriarcal em San Luis, e Cedillo se apresentava tal como um senhor feudal, recebendo a sexta parte da produção de seus soldados no rancho de Las Palomas.

A história entre Cárdenas e Cedillo se iniciou após a morte de Álvaro Obregón, em 1928. O “cacique de San Luis Potosí” sugeriu que o governador do estado de Michoacán fosse o nome escolhido para assumir a presidência de maneira provisória. De fato, Cedillo apoiou Cárdenas em sua campanha eleitoral, às vésperas de 1934, sobretudo porque os agraristas vinculados ao PNR possuíam grande estima pelo jovem general. Também apoiou Cárdenas quando este dissolveu o gabinete, expurgando Calles da vida política mexicana, em 1935, embora tal atitude o enfraquecesse, pois a centralização desenvolvida pelo presidente

⁸ Cedillo se tornou peça chave do callismo ao enfrentar a rebelião Cristera em zonas de Guanajuato, Jalisco e Querétaro. Ademais, agiu como uma espécie de pacificador de ânimos, reforçando a ideia de que a estabilidade do governo central dependia da ação e interlocução de lideranças regionais. (FONSECA, 2012, n.p.)

lhe conferiu a possibilidade de reformular e modernizar o Estado. Devido à boa relação entre ambos, Cedillo conservou, ainda que brevemente, sua privilegiada posição em San Luis Potosí, sendo nomeado pelo presidente para o posto de Secretário de Agricultura. Não obstante, logo os antagonismos entre essas duas personagens viriam à tona. Cárdenas era reticente quanto a Cedillo, não fazendo bom juízo de sua administração “No tiene organización em su trabajo y piensa con un criterio conservador en lo que se refiere al programa de la Revolución”⁹.

Como destacou Romana Falcón, a relação entre o presidente e seu Secretário de Agricultura, principalmente em virtude de projetos políticos diferentes, desgastou-se rapidamente, sendo seu ponto culminante o episódio envolvendo o conflito estudantil na Escola Nacional de Chapingo. A greve, iniciada a 15 de julho de 1938, cuja resolução não se deu como Cárdenas sugeriu a Cedillo, implicou em uma petição presidencial que requisitava a submissão do Secretário de Agricultura. Por sua vez, Saturnino Cedillo, que discordava da política cardenista e se ressentia devido à falta de autonomia para o exercício de suas funções, utilizou-se de um embuste a fim de pressionar o presidente. O “cacique de San Luis Potosí” escreveu uma carta para Cárdenas, oferecendo uma alternativa bastante radical: “estoy dispuesto a hacer sentir mi autoridad como Secretario de Agricultura, por lo que espero su respaldo pues de lo contrario me faltaría su confianza y me obligaría a presentarle mi renuncia en forma irrevocable.” (CEDILLO, 1938 apud FALCÓN, 1983, p. 81)

Cárdenas, contudo, não alterou sua posição, aceitando a renúncia de seu Secretário. Assim, o potosino se sentiu traído, convertendo-se em um ferrenho opositor da política central. Cedillo acreditava que o presidente havia se perdido, permitindo-se influenciar por indivíduos mal intencionados como Lombardo Toledano, peça determinante para a dominação cardenista sobre o operariado. Julgava o líder da CTM um agitador baderneiro, afeiçoado às greves, resumidamente um péssimo exemplo para o México. Sua crítica sobre os *ejidos* comunais era severa, atacando-os como meras cópias do ineficaz modelo soviético. Acreditava que a unidade de produção do México deveria seguir o modelo das colônias agrícolas militares, pois solucionaria de uma vez por todas as querelas e disputas em áreas rurais. (ASSAD, 1979, p.715)

Após a expropriação das companhias petrolíferas, em março de 1938, o general Saturnino Cedillo se levantou em armas contra o governo central, denunciando os problemas da política agrária desenvolvida por Cárdenas, sobretudo na região de La Laguna. A rebelião

⁹ (CÁRDENAS, 1972, p. 373 apud ASSAD, 1979, p. 714)

demonstrou as divergências existentes entre os projetos políticos daqueles que se apresentavam como os herdeiros da revolução. Cedillo constituiu um problema espinho para o Estado mexicano, afinal, seu enorme prestígio, associado ao seu histórico revolucionário, conferiam-lhe o apoio de milhares de camponeses. Muitos, inclusive, acreditavam que Cedillo deveria comandar a CNC. Como alternativa de contensão, o Estado designou Graciano Sánchez e León Garcia para desacelerarem a escalada do “cacique de San Luis Potosí”, afinal, o controle da instituição era fundamental para a política cardenista, de modo que um rebelde não poderia representá-la. (ASSAD, 1979, p.718)

A contenda se constituiu em uma empreitada suicida da parte de Cedillo. A estrutura existente em San Luis, como definiram Carlos Assad e Romana Falcón, foi adequada aos anos 1910 e 1920, principalmente porque o sistema político nacional era bastante debilitado. No entanto, com o sexênio cardenista, o Estado se tornou mais vigoroso e a estabilidade política passou a independar da interlocução de lideranças locais. O diálogo entre a população e o Estado se realizou, a partir de então, por meios institucionais, via Confederação Nacional Camponesa e Confederação de Trabalhadores do México, e os “caciques”, pouco a pouco, perderam a prestigiosa posição que ocuparam no passado. Em San Luis Potosí, a presença dessas organizações vinculadas ao Estado alijou o cedillismo de suas vértebras. (FALCÓN, 1983, p.79)

Cedillo rompeu com o governo Cárdenas e condenou a expropriação das companhias petrolíferas, pois se colocava contra atitudes que implicassem em práticas comunistas. Declarou, ainda, a emancipação de San Luis Potosí:

“El Gobierno Libre y Soberano de San Luis Potosí reasume su soberanía y desconoce al Gobierno del Centro, presidido por el general Lázaro Cárdenas, por haberse interrumpido con su Gobierno la fiel observancia de la Constitución General de la República Mexicana.” (CEDILLO, 1938 apud ASSAD, 1979, p. 719-720)

Cárdenas compreendeu a manifestação como ato de rebeldia e acusou Cedillo em virtude de seu comportamento antipatriótico. De acordo com o presidente, o “cacique de San Luis Potosí” estava a serviço do imperialismo, subvencionado pelas companhias de petróleo expropriadas¹⁰. Supostamente, à disposição de Cedillo estavam também capitais oriundos de Alemanha e Itália, ávidas por expandirem suas doutrinas ultranacionalistas pela América Latina, com vistas a financiar recursos bélicos para a sedição.

¹⁰ Lázaro Cárdenas acreditava que a petroleira El Alguila ofereceu, por intermédio de Alberto Braniff, a vultosa quantia de 500 mil dólares a Saturnino Cedillo. A intenção da companhia seria promover a desestabilização do governo. (ASSAD, 1979, p. 715)

A rebelião do general Cedillo, ao longo de seus oito meses, foi representada de maneira frequente pelo periódico *Correio da Manhã*. Os eventos militares foram acompanhados, geralmente, por meio de notas emitidas por agências de notícias, como a *Associated Press* e a *United Press*, responsáveis pela distribuição de informações acerca do exterior para o jornal carioca. Percebe-se, assim, a preocupação que agentes da imprensa brasileira possuíam em relação aos acontecimentos do México cardenista. Foram encontradas 43 notas acerca do conflito entre Cedillo e o Estado mexicano. Destacam-se, também, três artigos referentes à contenda, que permitiram identificar qual posição o periódico assumiu sobre o embate que opôs as tropas federais e os soldados rebeldes.

O primeiro informe acerca da rebelião foi divulgado a 15 de maio de 1938:

Mexico, 14 (Associated Press) – Fontes aparentemente bem informadas dizem que uma virtual lei marcial está em vigência em São Luiz de Potosi desde a noite passada. Existem ali persistentes rumores que o gen. Saturnino Cedillo, chefe do ultimo exercito particular do Mexico, está se preparando para um movimento armado [...] Cedillo pediu demissão em agosto ultimo do cargo de secretario da Agricultura. Desde então a sua acção tem ensejado muita especulação¹¹.

A partir de então, o periódico acompanhou o momento de intranquilidade que se desdobrou no México. Outras notas foram publicadas antes que os confrontos armados se iniciassem, de fato. Uma delas, inclusive, discorreu sobre a visita de Cárdenas a San Luis Potosí quando a rebelião estava em vias de pipocar. O presidente pronunciou um discurso, declarando que o general Cedillo deveria entregar suas armas e munições, além de converter seu exército particular em reserva. Ainda neste discurso, Cárdenas acusou Cedillo de conferenciar com os proprietários das companhias de petróleo, antes da expropriação, envolvendo-se, segundo o periódico, numa série de “actividades subversivas”¹². Após o discurso, conforme destacou Fernando Benítez, Cárdenas tomou o *Tren Olivo*, retornando à propriedade na qual se hospedara. Sob a ordem do “cacique de San Luis Potosí” a propriedade foi bombardeada, sem qualquer êxito, por aviões adquiridos por Cedillo junto aos Estados Unidos¹³.

As informações acerca do embate entre federais e rebeldes chegaram de maneira contínua entre os meses de maio e agosto. As agências de notícias retratavam o conflito como a consequência de uma disputa ideológica entre o fascismo, representado por Cedillo, e o comunismo, sintetizado em Cárdenas. A opinião do corpo editorial, no entanto, ofereceu

¹¹ *Correio da Manhã*, “Planejado um movimento armado no México”, 15/05/1938, p. 02.

¹² *Correio da Manhã*, “A intranquilidade mexicana”, 20/05/1938, p. 05.

¹³ Após o bombardeio, Cárdenas tentou, de maneira infrutífera, uma última reconciliação, por meio da irmã de Saturnino Cedillo. Então, deixou o assunto a cargo do general Henríquez Guzmán. (BENÍTEZ, 1984, p. 92-93)

alternativa diferente para essa visão, já que interpretou a rebelião como a disputa entre o moderno e o arcaico:

O presidente Lazaro Cardenas, dando mais uma demonstração impressionante de sua coragem pessoal e de sua alta consciencia civica, tomou a audaciosa iniciativa de enfrentar em seu proprio reducto o general Saturnino Cedillo que vinha ultimamente preparando de modo ostensivo uma insurreição contra o governo legal do Mexico. O famoso caudilho de San Luis de Potosi que, como tantos outros *profiteurs* do periodo de dictadura sanguinaria e predatoria de Plutarco Elías Calles, não pode compreender a conducta tão diversa do actual dirigente de seu paiz, se decidiu finalmente a pôr-se ao serviço dos vultosos interesses estrangeiros que se acham agora irritadissimos com a politica nacionalizadora de Cardenas¹⁴.

O texto, assinado por Urbano C. Berquó, jornalista vinculado ao *Correio da Manhã* e amigo íntimo de Manoel Paulo Filho, redator-chefe do periódico, demonstrou apoio a Cárdenas e sua política nacionalizadora. A adjetivação, de maneira quase dramática, opõe a “coragem pessoal” e a “consciencia cívica” do presidente aos interesses escusos do “caudilho” que, como tantos outros *profiteurs*¹⁵, colocou-se a serviço de “vultosos interesses estrangeiros”.

As críticas a Cedillo se intensificaram no decorrer do artigo:

Esse general Cedillo está destinado a ter o seu nome sempre lembrado pelas gerações futuras de mexicanos como o de um abjecto traidor aos mais altos interesses de sua patria, muito mais desprezível ainda do que aquelle Miramón que o grande Benito Juarez tão exemplarmente puniu por sua complicitade com o Habsburg que Napoleão III tentou impôr ao paiz de Hidalgo e Morelos. Nas presentes condições mundiaes não há forma mais execravel de traição do que a consciente na defesa dos interesses financeiros ou politicos alienigenas contra o interesse nacional: o tal é, entretanto, a unica razão de ser da atitude sediciosa tomada pelo general Cedillo¹⁶.

O *Correio da Manhã* conferiu a Lázaro Cárdenas o rótulo de herdeiro de heróis do passado mexicano, como o “grande Benito Juarez”, enquanto Cedillo foi associado aos inimigos da pátria, como Miguel Miramón, tendo-o superado em mesquinharia, afinal sua traição se apresentou ainda mais “execrável”. Também se destaca a intensidade com a qual o periódico defende políticas de cunho nacionalista no caso mexicano, embora a experiência estadonovista, também pautada no nacionalismo político e cultural, tenha suscitado implacável oposição¹⁷.

O periódico prosseguiu:

¹⁴ *Correio da Manhã*, “O erro de Cedillo”, 24/05/1938, p. 04.

¹⁵ Neste caso assume a conotação de aproveitador ou especulador.

¹⁶ *Correio da Manhã*. *Opus citatum*, p. 04.

¹⁷ Desde sua gênese, o periódico carioca se destacou como uma expressão de oposição. A fim de suplantar a ingerência dos censores, que se sistematizou a partir de 1937, desenvolveu o chamado “estilo de censura”, transmitindo mensagens políticas de maneira extremamente sutil. (ABREU *et alii*, 2001)

O presidente Cardenas tem hoje intransigentemente a seu lado a quasi unanimidade da população mexicana, que deposita uma confiança illimitada em sua honestidade, em sua intelligencia e em sua energia. Foi a certeza desse apoio sem restricções que lhe inspirou a decisão de seguir para San Luiz de Potosi com o objectivo de abafar no nascedouro o annunciado levante cedillista.

A perseguição incessante e periodicamente agravada ao catholicismo foi um dos recursos demagogicos de mais largo emprego durante os annos em que o general Calles dominou inteiramente a vida politica do Mexico. Mas o general Cardenas que não é um demagogo e sim um autentico homem de Estado conta hoje com a sympathia dos catholicos mexicanos que por intermedio de algumas de suas figuras mais representativas o estão auxiliando valiosamente na luta pela redempção economica de seu paiz.

O presidente Cardenas é um *chefe* na plenitude da significação desse termo: elle é actualmente o *leader* incontestado dos mexicanos por ser realmente seu maior servidor. *Servir*, tem sido, de facto, o lemma de sua vida desde que, ainda adolescente, pegou em armas pela primeira vez para lutar contra aquelles que pretendiam manter o Mexico indefinidamente numa situação economica semi-colonial.

Como commandante, Cardenas se caracterizou sempre por uma extraordinaria rapidez de movimentos, o que lhe permittiu apanhar de surpresa em varias occasiões adversarios mais numerosos ou melhor equipados. Na acção desenvolvida nestes ultimos dias contra o general Cedillo, mais uma vez elle está mostrando que não é homem de hesitação ou contemporizações ante qualquer ameaça dos inimigos internos ou externos da nação mexicana.

E' de esperar que dentro de alguns dias os bandos de Cedillo estejam completamente desarmados e que assim termine mais uma ingloria aventura contra a independencia economica do Mexico. Isso irá contribuir, sem duvida, para alertar o povo mexicano contra novas tentativas de *salvação* do mesmo genero [...]

A esta hora o general Cedillo já deve estar convencido do erro que commeteu quando julgou possível fazer a sua patria retrogradar á época de Porfírio Díaz. Os beneficios da exploração do petroleo mexicano serão colhidos doravante pelo povo do Mexico e não por empresas estrangeiras, por mais que tal coisa aborreça os saudosistas pelo bom tempo de Don Porfírio¹⁸.

Nota-se a figura de Lázaro Cárdenas constantemente exaltada. Algumas vezes, em realidade, apresentou-se idealizada, como quando, por exemplo, ao presidente mexicano se associou à liderança de homens que, por meio de rara antevisão e assombrosa inteligência, antecipam os movimentos de seus inimigos. Neste caso, estas qualidades excepcionais, segundo o periódico, permitiram ao presidente mexicano salvaguardar o interesse nacional. Cedillo, por sua vez, significou o corrompido, o egoísta, que colocou os próprios interesses à frente de sua pátria, deflagrando mais uma “ingloria aventura contra a independencia economica do Mexico”. Em nenhum momento foi mencionado seu passado revolucionário, tampouco sua enorme popularidade, abundante, sobretudo, entre os camponeses da região de La Huasteca, em San Luis Potosí.

A *United Press*, representada pelo correspondente William H. Lander, no México, continuou a expressar a rebelião como o resultado de disputas ideológicas entre a esquerda e a

¹⁸ *Correio da Manhã*, “O erro de Cedillo”, 24/05/1938, p. 04.

direita. Em nota publicada no dia 25 de maio de 1938, sobre a situação em San Luis Potosí, Cedillo foi pejorativamente classificado como “dictador virtual deste estado”¹⁹. Dentre as táticas adotadas por Cedillo, destacaram-se as escaramuças em guerrilhas, a destruição de pontes e estradas de rodagem e o desmantelamento das linhas de comunicações²⁰. Todavia, as tropas federais rapidamente controlaram o levante e, ao final de maio, apoderaram-se de dois aviões utilizados pelos cedillistas para bombardeios. Embora Cedillo tenha caído somente em janeiro do ano seguinte, o *Correio da Manhã*, a partir de junho, já considerava a insurreição suplantada. O periódico publicou, a 25 de junho, matéria de William H. Lander, apresentando a biografia do general rebelde. Lander mencionou o passado de lutas do “cacique de San Luis Potosí” ao lado dos irmãos, porém, desdenhou de seu histórico revolucionário: “Acredita-se que tenha desfrutado uma gloria maior do que a que era de se esperar dos feitos por elle realmente praticados.”²¹

Entre os meses de agosto e dezembro, o periódico descreveu a situação no México por meio de informes e notas, provenientes de variadas agências de notícias. Cedillo, desgastado e procurado pelas tropas federais, observou as sucessivas derrotas de seus correligionários. Sua queda estava sacramentada e sua captura era iminente, consumando-se, enfim, a 13 de janeiro de 1938. Com o general rebelde abatido a revolta foi completamente sobrepujada. O jornal carioca publicou, uma vez mais por meio de Urbano C. Berquó, o parecer final acerca do conflito:

O general Saturnino Cedillo que, no anno passado, tentou articular uma rebelião contra o governo do presidente Lazaro Cardenas, foi morto – diz um communicado official publicado na Cidade do Mexico – em condições, ao que parece, ainda não muito bem conhecidas. Provavelmente elle pereceu nalgum encontro com uma das forças volantes postas no seu encalço pelas autoridades federaes.

O general Cedillo era um exemplar desse typo de caudilho hispano-americano que tamanho papel desempenhou na historia da grande maioria dos paizes de nosso continente durante o seculo passado. Hoje, porém, a epoca de predominio caudilhesco já se acha definitivamente ultrapassada do Rio Grande del Norte á Terra do Fogo.

Nada melhor o evidencia, aliás, do que o insucesso de Cedillo quando, num momento de dificuldades para o seu paiz, intentou apossar-se do poder. A hostilidade com que o povo mexicano unanime recebeu a noticia do projectado levante cedillesco mostrou que a patria de Hidalgo não está mais disposta a deixar-se converter em feudo de caudilhos audaciosos.

Saturnino Cedillo era um proprietario de immensa extensão de terras e um figurão de proa do Partido Nacional Revolucionario do Mexico. Durante vários annos foi considerado um dos homens mais poderosos dessa nação.

¹⁹ *Correio da Manhã*, “A insurreição do general Saturnino Cedillo”, 25/05/1938, p. 09.

²⁰ *Correio da Manhã*, “Aviões rebeldes pilotados por norte-americanos bombardearam varias cidades”, 26/05/1938, p. 01.

²¹ *Correio da Manhã*, “A historia do general Saturnino Cedillo”, 25/06/1938, p. 01.

Superestimando muito a sua *influencia*, elle pensou que seria capaz de derrubar o presidente Cardenas e de estabelecer em proveito proprio um regimen dictatorial no Mexico. Ademais contava com o auxilio efficaz de certos interesses estrangeiros profundamente contrariados pela politica de nacionalização que vem sendo realizada pelo presente governo mexicano.

Consciente do apoio decidido e irrestricto de seus compatriotas o presidente Cardenas não se deixou intimidar pelas ameaças de Cedillo. Antes que se verificasse o levante elle se dirigiu á frente das tropas nacionaes para o reducto do caudilho obrigando-o a fugir, completamente desmoralizado.

Um laconico despacho telegraphico informa agora simplesmente que o general Saturnino Cedillo *foi morto*. E esse laconismo é perfeitamente razoavel porque o desaparecimento desse caudilho fracassado não tem para a vida mexicana importancia maior que a de um *fait divers* qualquer.

Cedillo era tão bronco que, segundo voz corrente no Mexico, ignorava a sua propria idade. Um homem assim não poderia de modo algum ter uma noção da *idade* já attingida pelo Mexico em sua evolução historica.

O povo mexicano deposita uma inteira confiança no presidente Lazaro Cardenas, porque percebe bem que se trata de um verdadeiro estadista que não tem outra preocupação que não seja a de acelerar o desenvolvimento economico e o progresso social de sua patria. A sua popularidade extraordinaria provém unicamente do reconhecimento por parte daquelles que ele governa, da perfeita sinceridade de seu patriotismo.

O fim do ultimo caudilho mexicano teve as proporções ínfimas de um episodio policial. O Mexico de hoje despreza os imitadores caricatos de Don Porfirio Diaz: os dirigentes de sua preferencia são os da escola de Benito Juarez²².

O artigo, de maneira contundente, criticou o general Cedillo e sua rebelião, elencando-o como um “caudilho audacioso”, “fracassado” e “tão bronco que, segundo voz corrente no Mexico, ignorava a sua propria idade.” Concomitantemente, exaltou a política cardenista e sua notoriedade, sintetizada, segundo o periódico, pelo apoio unânime e irrestricto dos cidadãos mexicanos. Uma vez mais, Cárdenas foi representado como o líder dotado de imensurável nobreza, que coloca os interesses nacionais acima dos seus próprios, obtendo, em contrapartida, “a sua popularidade extraordinaria” advinda “do reconhecimento por parte daquelles que ele governa, da perfeita sinceridade de seu patriotismo.” Afirma-se, assim, que o periódico carioca *Correio da Manhã* demonstrou enorme simpatia à política cardenista nos desdobramentos que se seguiram após a rebelião cedillista, entre 1938 e 1939. Destaca-se, ainda, que o governo Cárdenas suscitou interpretações bastante positivas por parte do periódico, enquanto, curiosamente, o varguismo, experiência muitas vezes considerada análoga ao cardenismo, sobretudo em decorrência de seu caráter popular, nacionalista e centralizador, foi abundantemente criticado.

²² *Correio da Manhã*, “O caudilho fracassado”, 13/01/1939, p. 04.

FONTE:

Correio da Manhã, 1938 a 1939.*

*Periódico hospedado no site da Hemeroteca Digital Brasileira, disponível em:

<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Alzira Alves de *et alii* (coords.). Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro - Pós 1930. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

ASSAD, Carlos M. “La rebelión cedillista o el ocaso del poder tradicional”. *Revista mexicana de sociología*. Ciudad de Mexico: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Vol. 41, Nº. 3, p. 709-728, 1979.

_____. *Los rebeldes vencidos*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BENÍTEZ, Fernando. *Lázaro Cárdenas y la revolución mexicana - El cardenismo*. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1977.

CAMÍN, Héctor A. & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana - História mexicana contemporânea (1910-1989)*. São Paulo: Edusp, 2000.

FALCÓN, Romana G. “El sistema frente al cacicazgo: El caso de Cedillo”. *Diálogos: Artes, Letras, Ciências humanas*. Vol. 19, Nº. 5, p. 77-86, 1983.

_____. “El surgimiento del agrarismo cardenista: Una revisión de las tesis populistas”. *Historia Mexicana*. Ciudad de Mexico: El Colegio de Mexico, Vol. 27, Nº. 3, p. 333-386, 1973.

_____. “Esplendor y ocaso de los caciques militares - San Luis Potosí en la revolución mexicana”. *Mexican Studies/Estudios mexicanos*. Ciudad de Mexico: University of California Press, Vol. 4, Nº. 2, p. 265-293, 1988.

FONSECA, Maricela L. “Saturnino Cedillo, el cacique y su circunstancia”. *Expedientes digitales del INEHRM*. Ciudad de Mexico: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de Mexico, n.p., 2012.

GARCIDIEGO, Javier. “La oposición conservadora y de las clases medias al cardenismo”. *Propuesta*. Ciudad de Mexico: Centro de Investigación y Docencia Económicas, Vol. 1, Nº. 8, p. 09-35, 1999.

LERNER, Victoria. “Los fundamentos socioeconómicos del cacicazgo en el Mexico postrevolucionario: El caso de Saturnino Cedillo”. *Historia Mexicana*. Ciudad de Mexico: El Colegio de Mexico, Vol. 29, Nº. 3, p. 375-446, 1980.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.